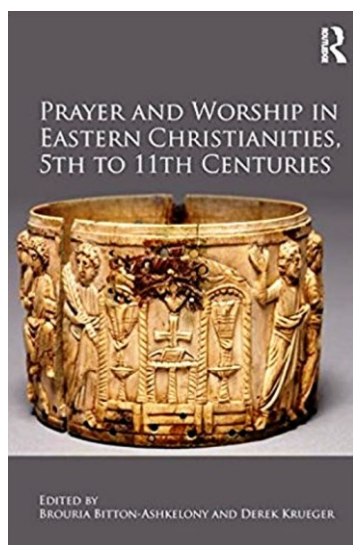


RESENHAS

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i30.40128>

BITTON-ASHKELONY, Brouria & KRUEGER, Derek (orgs.). *Prayer and worship in eastern christianities (5th to 11th centuries)*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2017. 330 p. ISBN: 978-1-4724-6568-9 (impresso) | 978-1-315-60197-7 (e-book).

Recebido em 23/10/2017 - Aprovado em 02/11/2017



Oração e experiência cristã no Mediterrâneo Oriental da Antiguidade Tardia e do Medievo

Alfredo Bronzato da Costa Cruz ¹

No fim da Antiguidade Tardia, as comunidades cristãs da África do Norte, do Levante e da Mesopotâmia encontravam-se profundamente divididas em função de suas diferentes apropriações e vínculos culturais e, talvez principalmente, de sua adesão ou rejeição aos Concílios de Éfeso (431) e Calcedônia (451). Tais divisões, que fizeram com que os séculos V e VI fossem alguns dos mais turbulentos da história do Império Romano do Oriente, foram cristalizadas pela ascensão do Islã no século VII, na medida em que os árabo-muçulmanos não só investiram em uma política de dividir para dominar, mas foram levados ao pragmatismo de, sendo durante um longo período a sua

¹ Doutorando em História (PPGH/UERJ, 2015 -); Mestre em História (PPGH/UNIRIO, 2011-2013); Bacharel e Licenciado em História (PUC-Rio, 2005-2009). Bolsista Capes (2015 -). Membro do Núcleo de Estudos de Cristianismos no Oriente (NECO, GT-HR/ANPUH-RIO) e do Núcleo de Pesquisa Histórica do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (NPH/IPN). Orientador: Prof. Dr. Edgard Leite Ferreira Neto. Email: bccruz.alfredo@gmail.com.

presença como que uma névoa densa que se estendia sobre um cenário essencialmente cristão (BROWN, 1999, pp. 204-205), ter de ceder e negociar com os membros desses grupos eclesiais. Tais comunidades eventualmente almejavam não outra coisa que a vingança, a absorção ou a destruição de seus rivais igualmente seguidores de Jesus, o que ocasionou tensas movimentações de bastidores sob a cobertura da jovem *Dar al-Islam* (cf. p. ex. CRUZ, 2015). Apesar da pressão pela conformidade exercida pelas autoridades bizantinas e da posição ambivalente dos conquistadores muçulmanos para com os *Povos do Livro*, ou melhor, justamente também por causa desses elementos, as Igrejas levantinas, norte-africanas e mesopotâmicas desenvolveram nos séculos V a XI, a partir de seus patrimônios espirituais e de suas pertenças e rejeições socioculturais, étnicas, linguísticas e políticas, estilos eclesiais autônomos, particularmente bem expressos em suas formas de prestar culto a Deus, incluindo as formas coletivas e individuais de oração e de celebração dos Sacramentos. *Lex orandi, lex credendi*: de fato, a consideração das práticas rituais, assim como do complexo pensamento que lhes estava associado, é uma via de acesso muito mais concreta ao que era a experiência de tantos fiéis nessas regiões do mundo, antigos baluartes da religião cristã, atravessadas por todo tipo de debate e conflito intercomunitário, do que as formulações dos Concílios e as especulações dos tratados teológicos – não raro pouco inteligíveis mesmo aos próprios prelados que eram seus destinatários (JENKINS, 2013, pp. 89-95). De fato, assim como em outros períodos, as questões de identidade se articulavam não ao redor de entendimentos abstratos da fé cristã, mas com a encenação destes nos ritos coletivos e em sua meditação e introjeção pelas práticas cotidianas de meditação e oração. Trata-se, portanto, de uma área estratégica para todos os interessados não apenas na história das religiões, mas das sensibilidades coletivas e da geopolítica do Oriente Médio tardo-antigo e medieval.

O estudo das práticas de oração, contudo, tem sido longamente negligenciado pelos historiadores profissionais. Isso se deve a variados motivos, entre os quais o não menor é um duradouro preconceito contra a documentação estritamente religiosa, que dá notícia das condições (supostamente) objetivas da vida social de um dado momento a não ser de modo indireto, através das lentes do imaginário religioso, da codificação hierática dos cerimoniais e de práticas devocionais que ainda hoje se tende a considerar como primitivas, irracionais ou aberrantes. Os pesquisadores que têm se dedicado ao estudo da liturgia e das práticas de oração, oriundos em sua maioria da Teologia ou da área específica dos Estudos da Religião, ao menos cá entre nós, normalmente possuem demasiados compromissos confessionais e pouco treinamento nos métodos dos historiadores para fazer render esses temas de tal maneira que pudessem ser dignos de interesse para um público maior do que os defensores ou os críticos da religião institucionalizada. É evidente que há exceções louváveis neste quadro, mas, de um modo

geral, os documentos que registram a vida religiosa dos cristãos tardo-antigos e medievais em suas práticas devocionais e cultuais ainda não receberam a mesma atenção que foi, ao menos desde a reflexão dos *Annales*, por exemplo, dispensada às hagiografias. Se isso é o comum mesmo naquilo que diz respeito às experiências que podemos associar de modo muito imediato ao nosso atual contexto religioso hegemônico, é ainda mais verdade a respeito do material proveniente de comunidades eclesásticas a respeito dos quais ainda é crassa a ignorância em toda a nossa cultura de um modo geral, como a siríaca ou a copta (ALBERIGO, 1970, p. 874). Mesmo os raros especialistas em Oriente Médio medieval tendem a se voltar de modo quase que exclusivo ou para os olhares dos viajantes latinos que passaram pela região ou para a abundante documentação islâmica referente ao período (PEEN, 2015, pp. 2-4). A devoção dos cristãos orientais, que constituiu durante um longo período talvez a forma majoritária da devoção cristã em termos globais (JENKINS, 2004, pp. 36-45), continua, portanto, ao menos cá no Brasil, ainda ignorada, silenciada, perdida em uma espécie de limbo.

Isto considerado, a leitura de um livro como *Prayer and worship in eastern christianities (5th to 11th centuries)* pode ser uma boa maneira de começar a reverter esse cenário. De fato, ele se propõe a apresentar um panorama introdutório de pesquisas atualmente realizadas sobre a história das práticas religiosas das diversas comunidades cristãs do Mediterrâneo Oriental da Antiguidade Tardia e do Medievo. Tais investigações lidam especialmente com as normas, espaços, objetos e textos litúrgicos, as performances cultuais, as formas de prece, a poesia e o canto, as posturas corporais, a cultura material e a reflexão teológica associadas à devoção nesses grupos. Cobrem uma grande variedade de experiências, muito distintas entre si, como a ortodoxia bizantina, a ortodoxia siríaca (miafisita) e a ortodoxia assíria (ainda impropriamente chamada de *nestoriana* – cf. BROCK, 2006), mas, ao invés de enfatizar suas trajetórias divergentes, suas cisões doutrinárias e os conflitos endemicamente violentos que travaram, processos que – com razão – tanta atenção tem chamado aos historiadores preocupados com questões de desenvolvimento sociopolítico da região no período imediatamente anterior e contemporâneo à expansão do Islã (JENKINS, 2013; CRUZ, 2014; DUARTE, 2014), procuram evidenciar as similitudes e as raízes comuns que marcaram a experiência individual e coletiva de adoração nessas comunidades eclesásticas. Tais conexões, é bom que se ressalte, não se devem apenas a um patrimônio comum, mas também a um contínuo diálogo através das fronteiras dogmáticas, linguísticas, institucionais e imperiais, existente em todo o intervalo considerado e muito para além dele. Assim sendo, o livro em questão também é uma colaboração interessante na discussão acadêmica sobre os problemas de identidade e diálogo intereclesial, não só surgidos como resultado da ultrapassagem da fé cristã dos seus limites sócio-históricos cronologicamente primeiros,

mas constitutivos do movimento dos seguidores de Jesus, na justa medida em que a tensão entre particularidade e universalidade é tão evidente na história dos cristianismos tardo-antigo e medieval quanto o é hoje em dia (IRVIN & SUNQUIST, 2004, pp. 5-6 e 85). De fato, como demonstram bem os textos reunidos em *Prayer and worship*, a diferença entre as comunidades cristãs não é só uma questão de divisão político-eclesiástica entre as Igrejas, mas de diferentes recepções, formulações e experiências do cristianismo.

A exploração realizada no volume dos padrões comuns de celebração, constituição ritual da memória e da confissão de fé, espiritualidade e outras diversas formas de inscrição do espiritual no material – ou do material no espiritual, conforme se queira – é ainda mais fortuita na medida em que empreendida por pesquisadores muito eruditos e em sua maioria jovens. Eles interrogaram uma ampla documentação, que em sua quase totalidade ainda é intocada pela reflexão acadêmica brasileira, a partir de questões e abordagens que nos são relevantes, perguntando-se pelos elementos de diferenciação e identificação e de continuidade e de ruptura entre as comunidades cristãs do Mediterrâneo Oriental ao longo de um período crucial para a história da região: o do colapso do poder do Império Romano do Oriente na África do Norte e no Oriente Médio e dos estágios iniciais das interações cristão-muçulmanas – não só enquanto o Islã aparecia no horizonte e se afirmava como uma força conquistadora, mas enquanto forjava sua própria consistência doutrinária (cf. p. ex. LAWSON, 2009). Durante este intervalo crucial, grupos muito distintos em suas lealdades dogmáticas e geopolíticas, compartilharam uma herança religiosa comum e reconheceram uns aos outros, apesar de suas diferenças, mesmo em meio a conflitos violentos, como outros *tipos* de cristianismo. Alguns dos textos reunidos no volume exploram a teoria e a prática da oração desde a Antiguidade Tardia greco-latina até a Idade Média Central síriaca, destacando a transmissão de discursos monásticos sobre a oração, especialmente entre os mestres sírios e palestinos da ascese. Outros capítulos tratam da composição e transmissão de hinos, preces e narrativas para adornar a liturgia e articular as emoções do calendário cristão, de modo a estruturar o tempo da experiência dos fiéis neste mundo com suas esperanças escatológicas.

Prayer and worship é produto de uma oficina de três dias sobre a oração e devoção nos cristianismos orientais dos séculos V a XI que teve lugar no Instituto de Estudos Avançados da Universidade Hebraica de Jerusalém em junho de 2014. Essa atividade foi resultado tangencial do projeto de pesquisa de Brouria Bitton-Ashkelony, patrocinado pela Fundação Israelense de Pesquisa Científica, sobre as formas da devoção cristã na Alta Idade Média; e foi empreendida em parceria com Derek Krueger, que dela participou com auxílio do Conselho de Institutos Europeus de Estudos Avançados e do Colégio de Artes e Ciências da Universidade da Carolina do Norte em Greensboro. Tal atividade

também foi patrocinada pelo Centro de Estudos do Cristianismo da Universidade Hebraica. O caráter cosmopolita que possibilitou a organização da oficina e a transformação dos trabalhos aí apresentados em um livro não é apenas contextual, mas se encontra presente no interior das questões discutidas pelos textos da coletânea como uma produtiva forma de desafio e interação. Nela, de fato, não estão presentes os ranços da militância identitária, infelizmente ainda comuns cá entre nós, que determinam que somente os nativos podem falar razoavelmente a respeito de dados fenômenos sociais – um tipo de abordagem que, levado às suas consequências lógicas, inviabilizaria por inteiro o trabalho de historiadores e outros profissionais do mesmo tipo. Temos, ao contrário, pesquisadores que se embrenharam corajosamente em lidar com documentos às vezes muito distantes de suas zonas de conforto mais evidentes, dando uma prova consistente de que a audácia intelectual e a erudição ainda podem produzir excelentes resultados mesmo em tempos de mediocridade e fechamento de fronteiras como os que experimentamos.

A introdução do volume (pp. 1-9), assinada pelos seus organizadores, Bitton-Ashkelony, diretor do Centro de Estudos do Cristianismo da Universidade Hebraica e Catedrático de Religiões Comparadas da mesma instituição, e Krueger, professor do Departamento de Estudos da Religião da Universidade da Carolina do Norte, apresenta o quadro geral dos trabalhos que o integram, justificando a escolha do marco cronológico e geocultural que o estruturou. Fica aí explícita também a filiação dos estudos presentes no livro com o igualmente recente estudo de Lorenzo Perrone (2011), pesquisador do Departamento de Filologia Clássica e Italianística da Universidade de Bolonha, sobre a prática e teoria da oração no pensamento de Orígenes (185-254). O primeiro capítulo de *Prayer and worship* (pp. 10-33), da lavra do mesmo Bitton-Ashkelony, trata das teorias da oração na Antiguidade Tardia, desde Máximo de Tiro (século II) até Isaac de Nínive (c.610-c.700), chamando atenção para o quanto a doutrina cristã da salvação demandou dos pensadores novas abordagens sobre a forma e a função da prece individual e coletiva, que contrastavam de maneira viva com aquelas desenvolvidas no âmbito da religiosidade greco-latina clássica, do judaísmo templário, do judaísmo rabínico e do neoplatonismo. O discurso cristão dos séculos II e III sobre a prece amadureceu no ambiente monástico dos séculos IV e V e encontrou seu ápice tardo-antigo em místicos como o siro-oriental Isaac de Nínive, que, depois de ter sido já mencionado por Bitton-Ashkelony, também tem seu pensamento analisado no segundo capítulo da coletânea (pp. 34-43) por Sabiano Chialà, pesquisador de idiomas semitas, formado pelas Universidades de Turim e Católica de Louvain, que se deteve nas definições de corpo, pensamento, sentimento e oração, e nas suas interações recíprocas, conforme concebidas por esse teólogo e devoto.

No terceiro capítulo, D. Columba Stewart (pp. 44-62), monge da abadia beneditina de São João e professor do Departamento de Teologia da Universidade de São João, em Collegeville, Minnesota, EUA, trata da oração dos salmos pelos monges siríacos da Antiguidade Tardia e do Medievo, perguntando-se sobre as origens e conexões egípcias e bizantinas destas práticas. Em tal texto, fica bem evidenciado o quanto ideia, voz e corpo estavam intrinsecamente vinculados nas preces individuais e coletivas dos monges tardo-antigos e medievais, e como a teorização referente a estas se compunha da recepção e releitura de uma gama bastante ampla de textos, não só de origem bíblica e eclesiástica, mas também platônica e neoplatônica. No capítulo seguinte (pp. 63-88), Leah Campagnano di Segni, pesquisadora sênior do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, apresenta um rico inventário das expressões de oração encontradas em inscrições cristãs tardo-antigas nas províncias bizantinas e omíadas da Palestina e da Arábia, evidenciando o papel que teve na preparação destas tanto o material bíblico quando uma concepção holística da adoração, que envolvia não apenas o pensamento e o corpo daquele que ora, mas também, por assim dizer, o cenário no qual ele se propunha a se comunicar com Deus. Através desses vestígios, de fato, pode-se redimensionar o que havia de pessoal nas orações cristãs, na medida em que a decoração dos ambientes sugeria aos adoradores determinadas fórmulas canônicas, internalizando neles as tensões e composições existentes entre certa espontaneidade da prece privada e o formalismo da liturgia. Di Segni também chama a atenção para outros propósitos destas inscrições, como, por exemplo, o de afastar o mal de um dado ambiente ou leitor, o que as aproximam de registros análogos feitos por pagãos, judeus e muçulmanos em período equivalente. No quarto capítulo (pp. 89-115), Ann Marie Yasin, professora associada do Departamento de História da Arte da Universidade do Sul da Califórnia, disserta sobre as inscrições de prece e imagens que adornavam as igrejas bizantinas, paroquiais e monásticas, na província da Palestina e em suas redondezas antes e ao tempo da expansão árabo-muçulmana. Ela considera o impacto que essa mudança política teve sobre a construção, reforma e decoração dos templos cristãos desta área, observando como a ornamentação eclesiástica encenava o passado e reforçava a identidade de uma comunidade que acabaria por se tornar minoritária, ao mesmo tempo em que examina como as mudanças estéticas impostas às igrejas pelo domínio muçulmano afetaram as práticas verbais e corporais de oração em comunidade.

O quinto capítulo (pp. 116-131), assinado por Volker Menze, diretor do Centro de Estudos do Mediterrâneo Oriental e professor associado do Departamento de Estudos Medievais da Universidade Centro-Europeia de Budapeste, trata das conceituações e funções da Eucaristia na Síria do início do Medievo. Ora, todas as comunidades cristãs com origem no primeiro milênio têm no rito eucarístico a sua

principal prática de culto e, nos séculos V a VII, os cristãos distinguiam a si mesmos de outros cristãos não só por suas formulações doutrinárias e lealdades políticas, mas – e talvez principalmente – pela especificidade de suas liturgias e dos textos que as orientavam. Não à toa, portanto, também variava entre as comunidades cristãs o entendimento a respeito do quê efetivamente era realizado neste tipo de cerimônia pública. Menze enumera uma série de compreensões sobre a Eucaristia nas congregações que tinham sido violentamente divididas pelas definições de Calcedônia, tendo o cuidado de demonstrar como, no interior destas, enquanto os tratados litúrgicos enfatizam a participação na Ceia como uma marca de ortodoxia, pertença que seria condição *sine qua non* para a salvação dos fiéis, eventualmente clérigos e leigos estavam mais interessados nas funções do Pão e do Vinho consagrados como garantidores de saúde física e proteções contra o azar.

No capítulo seguinte (pp. 132-150), Derek Krueger, outro dos organizadores da coletânea, debruça-se sobre um dos mais famosos hinos da liturgia das Igrejas Orientais, o *Cânon Pascal*, tradicionalmente atribuído ao teólogo João Damasceno (679-749). O *Cânon Pascal* parece ter sido primeiro utilizado na Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém no fim do século VIII ou início do século IX e disseminou-se até se tornar parte da liturgia greco-antioquena e constantinopolitana no século X. Sua melodia original é agora desconhecida, mas a difusão de seu texto e sua inserção litúrgica permitem que o estudo desse hino seja ensejo para Krueger realizar interessante consideração a respeito de como a celebração comunitária cristã foi capaz de gerar estados emocionais altamente complexos – luto, desamparo, regozijo, consolo – nos fiéis que dela participavam, em sentido muito estrito, deixando-se atingir por seu aparato sensorial. O sétimo capítulo (pp. 151-180), escrito por Jack Tannous, professor assistente especializado em Antiguidade Tardia do Departamento de História da Universidade de Princeton, trata, entre outros hinos litúrgicos, também do *Cânon Pascal*. Tannous se pergunta como os cantos festivos cruzaram as tensas fronteiras eclesiais do mundo cristão do Mediterrâneo Oriental pós-Calcedônia, e, sem encerrar a questão, traça os trânsitos verificados entre textos litúrgicos bizantinos e siro-ortodoxos, revelando a imagem de uma surpreendente unidade de temas comemorativos para além das linhas de tensionamento doutrinário, linguístico, étnico-cultural e político. O oitavo capítulo (pp. 151-180), da lavra de Daniel Galadza, professor assistente de Estudos Litúrgicos e Teologia Sacramental do Departamento de Teologia Histórica da Universidade Católica de Viena, faz coisa similar, mas a partir de outra documentação, e em contexto regional mais restrito: as eucologias e anáfora eucarísticas associadas às festas da Encarnação (Anunciação, Natal, Epifania) constantes nos diferentes formulários de oração em uso na Jerusalém durante o primeiro milênio, mas, de forma especial, imediatamente às vésperas

da conquista islâmica da cidade. Diante das convergências e similaridades notáveis destes textos, Galadza chama a atenção para o quanto elas deviam a um estrato greco-cristão pré-calcadônico, que foi sucessivas vezes relido e readaptado em função de diferentes identidades confessionais e linguísticas – e isso de tal modo que os melhores testemunhos que permitem reconstituir esse estrato originário foram preservados não em grego, mas em árabe e, principalmente, em georgiano. Por outro lado, mostra como há esse tempo todas as celebrações cristãs em Jerusalém haviam sido em alguma medida eventualmente influenciadas por formas litúrgicas importadas de Constantinopla, processo da maior importância para se pensar as dinâmicas e assimétricas trocas culturais existentes entre os diferentes cristianismos mediterrânicos da segunda metade do primeiro milênio depois de Cristo.

O nono capítulo (pp. 210-238), assinado por Sergey Minov, pesquisador-associado do Departamento de História da Universidade de Oxford, trata de como os clérigos hierosimitanos performatizavam a cristianização de determinados ritos de passagem e, assim, concorriam para moldar as disposições emocionais dos fiéis que a eles atendiam. Aí se desenvolve um estudo de caso a respeito de como as congregações cristãs orientais eram instruídas a responder com temperança e resignação à morte e ao luto, apresentando o estudo da narrativa e a primeira edição crítica em uma língua ocidental da *História de uma mulher de Jerusalém*, texto devocional siríaco composto no início do governo omíada da Palestina. Tal documento também é ensejo para considerar a prática do sono de incubação – presente em tantas tradições religiosas – na tumba da Virgem Maria, localizada imediatamente do lado de fora do portão oriental da Jerusalém bizantina, recomendada na Antiguidade Tardia e no Alto Medievo como um remédio contra a tristeza excessiva causada pela perda de um ente querido. No décimo capítulo (pp. 239-253), Hillel I. Newman, doutorando do Departamento de História Judaica da Universidade de Haifa, compara os hinos escatológicos judaicos e cristãos em uso na Palestina e em Constantinopla no século VI. A partir de uma análise bastante cuidadosa, Newman enfatiza não só as similitudes entre essas peças musicais, devidas tanto a uma origem comum, bíblica, como a diálogos mais ou menos discretos entre diferentes grupos de judeus e cristãos em um Império Romano do Oriente cada vez mais antijudaico; mas também como nesses hinários as circunstâncias históricas são transfiguradas por uma releitura a partir do imaginário religioso, e como essas canções foram capazes de ora estimular, ora mitigar os temores apocalípticos dos fiéis.

Prayer and worship não tem a pretensão de ser um livro exaustivo, mas uma prospecção em um campo de estudos que há pouco tem sido visitado pelos historiadores da cultura e da sociedade. Trata-se de uma promissora introdução à nova história do Mediterrâneo cristão da Antiguidade Tardia e do Medievo que se tem constituído nestas

primeiras duas décadas do século XXI, abordando importantes aspectos performáticos da prece e da celebração nas Igrejas Orientais desse período, assim como de suas condições, ambientes e teorias, explícitas como implícitas. É um pouco difícil identificar o público-alvo ao qual se destina o volume, mas é certo que os artigos que o compõem podem ser lidos como boas introduções aos temas e documentos neles considerados; talvez um texto conclusivo, de síntese, pudesse torná-lo mais acessível a um público menos especializado. De toda forma, é uma coletânea que mereceria ser lida pelos acadêmicos brasileiros – e por mais de um motivo. Em primeiro lugar, ela vai ao encontro dos recentes estudos sobre história social e cultural do cristianismo tardo-antigo e medieval que têm sido cá desenvolvidos, de modo que poderia fornecer não só *insights* interessantes para os pesquisadores empenhados nesses, mas também material para futuras abordagens comparativas. Em segundo lugar, ela nos remete a horizontes de pesquisa que são praticamente desconhecidos entre nós, o que poderia ser um incentivo àqueles aventureiros intelectuais que não estão plenamente satisfeitos com as temáticas e documentos mais ou menos consagrados para o estudo da Antiguidade Tardia e do Medievo. De fato, as relações inter-cristãs e judaico-cristão-muçulmanas do Mediterrâneo Oriental permanecem para nós como uma fronteira quase que ainda inexplorada; a leitura deste livro talvez seja o incentivo que alguns precisam para se aventurar nela.

Referências:

- ALBERIGO, Giuseppe. Novas fronteiras da história da Igreja? *Concilium*. Petrópolis, Vozes, v. 57, n. 7, 1970, pp. 870-885.
- BROCK, Sebastian P. The “Nestorian” Church: a lamentable misnomer. In: *Fire from Heaven: studies in syriac theology and liturgy*. Aldershot: Ashgate, 2006. Coleção *Variorum collected studies*, n. 863, pp. 1-14.
- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Tradução de Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1999. Coleção *Construir a Europa*, n. 1.
- CRUZ, Alfredo B. da C. Duas conjuras: religião e política em um episódio da vida do Patriarca Agatão de Alexandria (c.670). In: ANAIS do 2º Simpósio Sudeste da Associação Brasileira de História das Religiões: gênero e religião – violência, fundamentalismos e política. São Paulo: ABHR e PUC-SP, 2015.
- CRUZ, Alfredo Bronzato da Costa. Cinzas que queimam. Resenha de: Philip, Jenkins. *Guerras santas* (Rio de Janeiro, 2013). *Saeculum*. João Pessoa, DH/UFPB, n. 30, junho de 2014.
- IRVIN, Dale T. & SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial. V. 1: do cristianismo primitivo a 1453*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2004.

- JENKINS, Philip. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2004
- JENKINS, Philip. *Guerras santas: como quatro patriarcas, três rainhas e dois imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos mil e quinhentos anos*. Tradução de Carlos Szlák. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.
- LAWSON, Todd. *The crucifixion and the Qur'an: a study in the history of muslim thought*. Oxford: One World, 2009.
- PEEN, Michael Philip. *When christians first met muslims: a sourcebook of the earliest syriac writings on Islam*. Oaklands: University of California Press, 2015
- PERRONE, Lorenzo. *La preghiera secondo Origene: l'impossibilità donata*. Brescia: Morcelliana, 2011. Coleção *Letteratura cristiana antica: nuova serie*, n. 24.
- SILVA, Paulo Duarte. Resenha de: Philip, Jenkins. *Guerras Santas* (Rio de Janeiro, 2013). *Tempos históricos*. Cascavel, DH/UNIOESTE, v. 18, . 2, dezembro de 2014.